



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE BACHAREL EM FRANCÊS

**FEMINISMO, VOZ E HISTÓRIA NA OBRA *CRÉPUSCULE DU TOURMENT* DE  
LÉONORA MIANO**

ÍISIS MONTENEGRO ALVES DE SOUZA

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Magalhães dos Reis

Brasília/DF  
Dezembro de 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE BACHAREL EM FRANCÊS

**FEMINISMO, VOZ E HISTÓRIA NA OBRA *CRÉPUSCULE DU TOURMENT* DE  
LÉONORA MIANO**

Monografia apresentada no curso de Letras da  
Universidade de Brasília, como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Francês.

ÍISIS MONTENEGRO ALVES DE SOUZA

Monografia apresentada perante Mesa composta pela professora orientadora,  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Magalhães dos Reis, pelo professor Daniel Teixeira da  
Costa Araújo (LET/UnB) e pela professora Josely Bogo Machado Soncella  
(LET/UnB)

Brasília/DF

Dezembro de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Magalhães dos Reis pela compreensão, incentivo e por ter me ajudado a expressar na escrita tudo o que eu havia pensado para este trabalho; a minha mãe, que esteve ao meu lado e me apoiou em todos os momentos da minha vida acadêmica.

## RESUMO

Escrita por Léonora Miano, a obra *Crépuscule du Tourment* visa mostrar a realidade de quatro mulheres negras inseridas numa sociedade patriarcal. Madame, Amandla, Ixora e Tiki falam suas perspectivas sobre como o pensamento dominante e o passado escravagista influenciam o rumo que suas vidas tomam. Dessa forma, escutar essas mulheres oprimidas é importante para entender como as violências sofridas por serem mulheres e negras refletem nas suas vidas amorosas, no psicológico e nas relações interpessoais. Ademais, há o debate da colonização do país (desconhecido, mas se sabe que está na África Subsaariana), conectando, assim, a história do romance com a história regional. Esse país compartilha com o Brasil a característica de ter sido violentamente colonizado, causando modificações no pensamento e criando o que chamamos de “pensamento dominante” que inclui: objetificação da mulher negra, silenciamento delas, subjugação e inferiorização do papel da mulher na sociedade. É um assunto abordado junto com a história do avô paterno de Dio, conhecido por ter sido um aliado dos colonos na época de escravidão da África Subsaariana.

Além de fazer uma análise histórica e feminista, a linguagem usada pelas personagens também são objetos de pesquisa neste trabalho, recorrendo a Jouve para esta parte teórica da narração literária do romance. Essas mulheres são silenciadas e subjugadas pelo homem, sendo a voz única forma de resistência na sociedade, e por isso, neste livro elas são narradoras de seus próprios capítulos. O feminismo, sobretudo o feminismo negro – aqui representados por Simone de Beauvoir e Djamilia Ribeiro –, estão presentes para dar força às mulheres e incentivar que elas usem a voz. A história do “tormento” está ligada a Dio – um personagem ausente da narrativa – que afeta todas as personagens citadas, com quem ele possui diferentes laços. Ademais, outro personagem ausente da história. Em resumo, é uma obra relevante, que expõe os debates necessários sobre a mulher na sociedade subsaariana. Bem como é feito neste trabalho uma análise comparativa, reconhecendo que o livro também pode abrir espaço para a discussão desses temas em outras sociedades, como a brasileira.

**Palavras-chaves:** Voz. Mulher negra. Feminismo. Sociedade patriarcal. Escravidão.

## RÉSUMÉ

Écrit par Léonora Miano, l'œuvre *Crépuscule du Tourment* montre la réalité de quatre femmes noires insérées dans une société patriarcale. Madame, Amandla, Ixora et Tiki racontent ses perspectives sur comme la pensée dominante et le passé esclavagiste influencent le cours de la vie. Ainsi, les écouter est importante pour comprendre comme les oppressions qu'elles souffrent parce qu'elles sont femmes et noires reflètent dans ses vies amoureuses, dans le psychologique et dans les relations interpersonnelles. De plus, il y a le débat sur la colonisation du pays (il est inconnu, mais on sait qu'il est située dans l'Afrique Subsaharienne) en faisant une liaison entre l'histoire du roman avec l'histoire régionale. Ce pays partage avec le Brésil la caractéristique d'avoir été colonisée de manière violente, ayant la pensée modifiée par celle qu'on appelle « la pensée dominante », qui comporte : la réification des femmes noires, la réduction des femmes au silence, la soumission et le rôle inférieure dans la société. Il est un sujet abordé avec l'histoire du grand-père paternel de Dio, connu par son alliance avec les colons à l'époque de l'esclavage de l'Afrique Subsaharienne.

Au-delà de l'analyse historique et féministe, le langage utilisé par des personnages sont aussi objets de recherche dans ce travail, en recourant à Jouve dans la partie théorique de la narration littéraire du roman. Ces femmes sont réduites au silence et opprimées par l'homme, mais elles ont la voix comme l'unique forme possible de résistance dans la société, donc, dans ce livre elles sont narrateurs de ses propres chapitres. Le féminisme, notamment le féminisme noir – représentés ici par Simone de Beauvoir et Djamila Ribeiro – sont présents pour donner de la force et encourager le recours à la voix. L'histoire du « tourment » est liée à Dio – un personnage absent du récit – qui touche tous les personnages cités, de manière qu'il a des différents liens avec eux. En résumé, il est une œuvre importante, qui expose les débats nécessaires sur la femme dans la société subsaharienne. Ainsi que dans ce travail il est fait une analyse comparative de manière à reconnaître que le livre ouvre une brèche pour que la discussion puisse aborder des plusieurs sociétés, comme la brésilienne.

**Mots-clés :** La voix. La femme noire. Le féminisme. La société patriarcal. L'esclavage.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. A HISTÓRIA POR TRÁS DO "TORMENTO" .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A VOZ COMO RESISTÊNCIA: O QUE FOI OU NÃO FALADO.....</b>	<b>19</b>
<b>3. ENTRE A HISTÓRIA DO BRASIL E DA ÁFRICA SUBSAARIANA: SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>35</b>
<b>SITOGRAFIA.....</b>	<b>35</b>
<b>OUTRAS OBRAS DE LÉONORA MIANO.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar de que modo as vozes das personagens de *Crépuscule du Tourment* (*Crepúsculo do Tormento* em uma possível tradução para o português e que assim será usado para a discussão neste trabalho) são instrumentos de oposição à opressão de uma sociedade patriarcal presente no romance de Léonora Miano. Nesta obra, a autora franco-camaronesa criou quatro personagens, Madame, Amandla, Ixora e Tiki, que contam suas experiências pessoais e possuem concepções distintas sobre a questão de ser uma mulher na sociedade africana subsaariana. Miano leva para o livro as diferentes opressões que ocorrem principalmente contra as mulheres negras, não só em seu país de origem – conforme a teoria de Manou (2017, s/p) de que a história estaria se passando em Camarões – mas, também ocorrem em muitos outros lugares. Sociedades que foram fundadas em ideais patriarcais e racistas, uma consequência dos resquícios deixados pelo período de escravidão. Traremos então, dentre essas outras regiões, a sociedade brasileira, com a finalidade de o debate estar mais perto de nossa realidade. Portanto, o romance possui a importância de fazer o leitor refletir sobre a posição subalterna da mulher negra nas sociedades e esse espaço de reflexão é essencial para que esta não seja o destino de todas as mulheres negras.

Um dos principais motivos para que a mulher seja subjugada pelo homem, segundo Beauvoir, é o determinismo biológico da feminidade. A palavra feminidade, de acordo com o Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL), significa “o conjunto de características específicas — ou consideradas como tal — da mulher”<sup>1</sup>. As mulheres são essencialmente vistas como frágeis, e na obra analisada, uma das interpretações possíveis que será aqui abordada no segundo capítulo é: a voz da mulher como um ponto forte, havendo relação entre a voz e o feminismo, enquanto a primeira seria um instrumento de luta para o segundo. O discurso de cada personagem, apesar de compartilharem experiências de opressões, possui influências diferentes do contexto histórico e social vivido por elas. Suas vozes são ignoradas e silenciadas pela sociedade patriarcal, onde a mulher é inferiorizada e tem seu papel limitado – a cuidar da casa e dos filhos. No terceiro capítulo iremos debater um pouco da história da África Subsaariana, região da qual Camarões faz parte, e do Brasil, para

---

<sup>1</sup> Ensemble des caracteres spécifiques – ou considérés comme tels – de la femme.

evidenciar a semelhança que partilham na questão do feminicídio, mesmo havendo diferenças entre o contexto histórico do colonialismo em ambas regiões.

Léonora Miano é uma autora pouco conhecida no Brasil, e muito importante nas causas de raça, do pós-colonialismo e da invisibilidade das minorias na França. O objetivo deste trabalho é trazer um pouco mais desse romance, ainda não traduzido para o português, que discute a difícil realidade da mulher negra. Essa discussão não ocorre de maneira suficiente no Brasil, em que no atual cenário político, o debate sobre a voz dessas mulheres se mostra relevante e presente. Será afirmada essa importância do tema com notícia de mulheres agredidas na região da África Subsaariana e no Brasil. Ainda, é fundamental não esquecer que as mulheres negras lutam por reconhecimento de seus direitos há muitos anos em diversos países e, no entanto, até o presente são as que mais sofrem nas sociedades citadas. Estas se tornam vítimas da sociedade patriarcal e racista, mesmo após muitos anos da abolição da escravidão e descolonização. Uma análise de interseccionalidade dessas opressões se tornará imprescindível para observar como as quatro personagens do livro sofrem de diferentes formas com as violências contra seus direitos como ser humano. Aqui, entra o papel do movimento feminista, que tem sido estudado nos últimos anos por autoras como a brasileira Djamilia Ribeiro. Segundo ela, “o movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher”, uma vez que, existem “mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia” (2018, p. 47), e assim podemos ver como as intersecções são necessárias para o debate proposto neste trabalho.

O feminismo também é abordado por autoras como Angela Davis e Ndèye Fatou Kane. Para uma base teórica ao analisar as personagens, a feminista Simone de Beauvoir é fundamental, em razão de ter um pensamento de opor-se ao determinismo quanto ao que é ser mulher, sendo “a visão, por exemplo, de que mulheres são naturalmente frágeis, maternais, sensíveis e ligadas ao ambiente doméstico” (BEAUVOIR apud RIBEIRO, 2018, p. 128). Dessa forma, o que será considerado feminismo negro aqui “[...] seria um movimento político, intelectual e de construção teórico de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 49). A mulher negra deseja reivindicar sua identidade, para que ela possa se constituir um sujeito histórico e político — ocupar espaços que não são considerados para ela, como é observado pela personagem de Tiki a falta de mulheres negras em posições de autoridade.



Assim, podemos dizer que essa obra visa “[...] trazer à tona a realidade do racismo diário contado por mulheres negras baseado em suas subjetividades e próprias percepções” (KILOMBA, 2012, p. 12 apud RIBEIRO, 2019, p. 15).

## 1. A HISTÓRIA POR TRÁS DO “TORMENTO”

Léonora Miano é uma escritora franco-camaronesa que nasceu em 1973 em Douala, na costa de Camarões. Aos 18 anos, mudou-se para a França para ingressar em uma universidade e lá vive até hoje e, além disso, naturalizou-se francesa em 2008. Em 2010, fundou uma ONG dedicada a projetos sobre diáspora chamada Mahogany. Com 14 obras literárias publicadas em diversos idiomas, Léonora já ganhou o Prêmio Goncourt com *Contornos do dia que vem vindo* (2006) e venceu o Prix Femina e o Grand Prix do Roman Métis com *A estação das sombras*(2013), ambas as obras estão disponíveis no português brasileiro pela Pallas editora(na sequência, foram traduzidas por: Graziela Marcolin de Freitas, em 2009, e Celina Portocarrero, em 2016), a última possui também publicação no Brasil pela editora Antígona, *A Estação da Sombra*, com tradução de Miguel Serras Pereira, publicada em 2015. De acordo a editora Pallas, Miano possui reconhecimento entre afro-europeus que, assim como ela moram na França e, além disso, a autora faz trabalhos que abordam questões de raça, pós-colonialismo e relacionadas com a invisibilidade das minorias no país francês nos dias de hoje.

A obra analisada, *Crepúsculo do Tormento*, é classificada como romance e foi publicada em 17 de agosto de 2016 pela editora Grasset, sendo o primeiro livro de uma trilogia. Neste primeiro volume, a história se passa nos dias de hoje, em um lugar não definido na região da África subsaariana e possui como personagens principais quatro mulheres que estabelecem um vínculo diferente com o mesmo homem. O livro é dividido em 4 capítulos e são monólogos em forma de narrativa de pensamento. Cada uma narra a própria história pessoal a partir de um mesmo acontecimento. Assim, a história é contada por diferentes pontos de vista e cronologia: as narradoras se encontram em seus dias atuais, relembando de suas histórias que aconteceram anteriormente, com raras aparições de acontecimentos recentes. As quatro personagens também contam as experiências que dividiram com Dio, a pessoa com quem todas possuem relações distintas e se referem a ele na

segunda pessoa do singular *tu*, no francês (*você*, no português, levando em conta o desuso do *tu*). Os capítulos, entretanto, apresentam certas particularidades, pois entre as mulheres, existem diferentes compreensões de mundo, que influenciam em suas opiniões pessoais. Porém, todas guardam para si mesmas feridas causadas pela sujeição da mulher na sociedade patriarcal.

O leitor, durante a narração de cada personagem, descobre seus desejos mais profundos e suas confissões. São monólogos diferentes, mas todos debatem suas opiniões do que é ser uma mulher e lutam contra algo: a dor, a solidão, a dúvida ou a sociedade. Dito isso, elas têm um segredo em seus corações, que as impede de serem felizes, seja um trauma da infância ou da juventude, influenciado por elementos históricos do país. É indiscutível a influência da história da África Subsaariana neste livro, região que o país onde a escritora nasceu faz parte, segundo Manou<sup>2</sup>, uma vez que há uma forte presença das cicatrizes deixadas pela sociedade patriarcal nas histórias dessas mulheres, a partir das narrativas de citam a escravidão de negros (principalmente mulheres) e o colonialismo que ocorreram no país. Essa história impede a aceitação de suas línguas, origens e tradições, e conseqüentemente, cria-se tipos de prisões, em forma de opressão das mulheres negras.

As falas dessas mulheres, que não serão lidas por aquele a quem elas se referem, são tentativas de explicar e de entender o motivo pelo qual Dio, o homem que elas amam ou amaram, decidiu fugir após a tempestade. O que se passou durante essa tempestade é o que “permite que elas se encontrem, mas o que elas têm a dizer nunca poderá ser pronunciado em voz alta” (MANOU, 2017)<sup>3</sup>. Entretanto, o evento que mexe com todos é uma consequência das ações de Dio, filho mais velho de Madame e Amos, sendo ele o herdeiro das riquezas de sua família. Alguns anos antes, ele decide ir embora para o Norte com o objetivo de encontrar tolerância racial e felicidade, porém, percebeu que só achou mais racismo e solidão, e anos depois, voltou à sua casa, onde morava com seu pai, sua mãe e sua irmã mais nova. Além disso, Dio não aceita que sua família, durante a formação do país, esteve presente nos dois lados da história, ou seja, é descendente de colonos e de vítimas dessa época e acredita que isso acarretou uma perda de sua identidade, idioma e cultura.

---

<sup>2</sup>“Le Nord... d'un pays d'Afrique qui ne sera jamais nommé mais qui pourrait être le Cameroun vu que l'auteur est originaire de là-bas...”. Tradução própria: “O Norte... de um país da África que jamais será nomeado mas que pode ser Camarões visto que a autora é originária de lá...” (MANOU, s/p, 2017).

<sup>3</sup>“Le destin de ces femmes se croise, leurs voix se font écho, leur permet de se rencontrer mais jamais ce qu'elles ont à lui dire ne pourra être prononcé de vive voix.”

Pelas palavras de sua mãe, percebe-se que é um homem sem autoconfiança e responsabiliza as mulheres ao seu redor pelas consequências dos seus próprios atos. Neste país, a submissão da mulher é essencial para que um homem se sinta homem de verdade e aquela que resiste é considerada doente mental e é excluída da sociedade. Dessa forma, abordaremos as histórias das quatro personagens e suas ligações com Dio, o homem ausente na narração, o qual todas as mulheres se referem. São elas: a mãe, Madame; a ex-noiva, mas quem ele ama demais e se separou por não saber amá-la adequadamente, Amandla; a atual companheira e futura noiva, Ixora e, por fim, a irmã mais nova, Tiki.

No primeiro capítulo, Madame narra como é sua vida casada com Amos, um homem nobre que, segundo ela, possui um desequilíbrio psicológico. Ele frequentemente se torna muito violento. De acordo com ela, não tinha conhecimento dessa condição, pois, na sua época, só era possível conhecer alguém de verdade — incluindo problemas psicológicos — depois de se casar, quando era permitido socialmente que o casal morasse junto. Em alguns momentos de confissão, vemos uma Madame que se sente culpada pelos acessos de raiva de Amos, que apenas aconteciam com ela e, como ele não batia nos filhos, ela deduz que isso significa que o marido pelo menos gosta dos filhos. Para ela, o motivo de Dio, seu filho mais velho, ter ido embora de casa em direção ao Norte, foi o fato dele e de sua filha mais nova estarem presente em cenas de violência sofridas por ela, e por rejeitar a sua decisão de não pedir o divórcio.

Entretanto, alguns anos depois de partir, Dio volta acompanhado da viúva e do filho de seu falecido melhor amigo, Ixora e Kabral. Porém, Madame não aceita essa união em razão de, segundo ela, dessa mulher “não possuir genealogia” — por essa expressão, entende-se ser descendente de escravos, uma classe considerada inferior. Para a mãe, isso seria uma forma de acabar com a “pureza” do sangue que corre nas veias da família, podendo até mudar o status social adquirido após muita luta e sacrifícios. Com esse argumento e vendo seu filho negar o status social e na família, Madame se vê obrigada a fazer de tudo para acabar com o casamento dos dois. Sobre sua personalidade, Madame mostra estar em busca de ser respeitada e amada e, além disso, vive com medo e vergonha em uma sociedade que a leva a ter uma obsessão com a ascendência e temer a decadência social. Dito isso, o motivo pelo qual se tornou uma mulher forte, foi para esconder as feridas e violências que sofreu de seu marido e continuar sobrevivendo, abrindo mão de viver uma vida feliz. Diante disso, também

é conformada com o que a sociedade impõe, afirmando que já viu coisas ruins acontecerem com pessoas boas que recusaram aceitar o modelo dominante.

Durante o primeiro capítulo, vemos a repetição da narradora sobre o valor que o nome tem para sua vida, sendo a reputação de um nome sinal de poder. Sem dúvida, conta que foi a linhagem e o nome que a levou a se casar com Amos, o qual tinha apenas título de nobreza, diploma e não gostava de se esforçar para conseguir mais e — seguindo a lógica de que, para ela, os relacionamentos são condicionados no fundamento de que para relacionar-se com alguém deve-se oferecer algo — ela ofereceu a sua fortuna, uma certa tranquilidade material. Madame confessa gostar de ser a pessoa do casamento que possui bens, podendo deixá-los para seus filhos. Em contrapartida, isso significa que Amos se sinta com menos poder (são casados com separação de bens) e para evitar isso, ela o agrada para que se esqueça que os bens são dela.

Então, podemos concluir que seus objetivos de vida são: tentar sobreviver, conservar seus bens materiais e que os filhos tenham tudo o que não teve. O primeiro causa uma ausência de desejo de viver; o segundo, percebe-se a importância que dá aos bens materiais e o terceiro, podemos inferir sua falta de estudos, dado que em nenhum momento fala sobre ter tido acesso aos estudos e o impacto que teve em sua vida seus filhos terem ido estudar em alguma faculdade no Norte. Dito isso, devotou toda sua vida à família, deseja falar algumas coisas para os filhos, mas sempre fica em silêncio sobre muitas coisas, porque levava em consideração que “não se pode dizer tudo às crianças” (MIANO, 2016, p. 32)<sup>4</sup>. Isso nos diz que, a maior parte de seu capítulo é feita de pensamentos, coisas que não foram faladas — aqui é considerado que a narradora raramente se comunica ou mantém uma conversa com as pessoas.

Ainda é revelado aos leitores que, entre as duas “sem genealogia” que Dio levou para casa, a preferida de Madame, ou a que menos detestou, seria Amandla, pois, segundo ela, tem modos respeitáveis e uma boa aparência. E, Madame reflete que mesmo tendo interesse em se aproximar e cuidar do filho de Ixora, Kabral, e sabendo da importância de uma mãe cuidar de seu filho, queria poder afastá-la, visto que seus modos e suas roupas a incomodam. Dito isso, é interessante perceber que Madame observa Ixora em silêncio e não fala em voz alta seus sentimentos de incômodo, seja quando não deixa seus empregados trabalharem ou quando usa uma roupa que, em sua opinião, não é nada agradável. A mãe de Dio conta sobre uma

---

<sup>4</sup> Original: “[...] on ne peut tout dire aux enfants.”

indignação em relação à Ixora quando, após poucos dias de sua chegada, a pega de surpresa “armada” com uma vassoura na mão, e tenta entender por qual razão ela faria tarefas domésticas em sua casa: “talvez ela pensou em oferecer serviço, demonstrar qualidades úteis à nossa família, ser agradável comigo, já que a residência é minha, enfim, eu não sei o que ela poderia ter na cabeça” (MIANO, 2016, p. 32)<sup>5</sup>, inferindo ser hábito uma descendente de escravos fazer serviços domésticos sem que tenha sido requisitado.

Para exemplificar um pouco mais a relação entre Madame e Ixora, na cena que Madame, ao passar instruções para a cozinheira, escuta algo e decide conferir a origem do barulho. Ela encontra Ixora com espuma nas mãos após lavar duas panelas, e Madame fala para si em pensamentos que também sabe lavar uma panela de alumínio ao ponto de fazê-la brilhar e se controla para “permanecer impassível em todas as circunstâncias”, apesar de confessar que saberia sim exprimir o horror que sentiu no momento. Até aqui, o leitor se questiona sobre a escolha de permanecer sem expressar o que sentia e logo se depara com a afirmação de Madame para Ixora: “Nós deixamos a louça desta forma até pela manhã não porque ignoramos a limpeza, mas para alimentar nossos ancestrais” (MIANO, 2016, p. 36)<sup>6</sup>. Ademais, ela julga o vestido que Ixora está vestindo no momento: “Um pequeno pedaço de tecido perfurado com três buracos. Não vamos investir nesse terreno, teria muito o que dizer” (MIANO, 2016 p. 36)<sup>7</sup>. A resposta de Ixora para Madame é interessante, pois ela afirma que faz atividades domésticas de forma natural, pois nunca teve empregados ao seu dispor.

Retornando ao tema do casamento, Madame, para esclarecer o porquê de ter escolhido continuar casada com Amos e quais seriam os prejuízos de optar pelo divórcio, usa como exemplo sua única amiga. Segundo ela, Solace, ao pedir divórcio do marido – que batia nela, tinha amantes e filhos fora do casamento – acaba perdendo a guarda dos filhos, que foram deserdados. Além disso, ela mesma não poderia ter um amante, afinal, cada homem com quem ela se relacionou durante o processo de separação foi perseguido e ameaçado de morte. O próprio processo de divórcio demorou anos para ser finalizado por causa da influência do ex-marido. Ciente disso, Madame expõe ao leitor que nunca quis que seus filhos perdessem o direito de herdar seus bens, que ela tanto lutou para proteger. Mas, isso não impede que tenha pensamentos sobre ir embora com os filhos e viver sem o marido, pois, dessa forma,

---

<sup>5</sup> “Peut-être s’imaginait-elle rendre service, faire la démonstration de qualités utiles à notre famille, m’être agréable puisque cette demeure est mienne, enfin, je ne sais ce qu’elle pouvait avoir en tête.”

<sup>6</sup> “Je lui ai simplement dit que nous laissons la vaisselle ainsi jusqu’au matin, non parce que nous ignorions la propreté, mais pour nourrir nos ancêtres.”

<sup>7</sup> “Un petit morceau de tissu percé de trois trous. N’allons pas investir ce terrain-là, il y aurait trop à dire.”

conseguiria manter sua honra e seria uma mãe presente. Ela também gostaria de recomeçar a vida em um lugar silencioso em outro país e revela que teve uma oportunidade de deixar Amos sem se divorciar em uma viagem que fez apenas com os filhos, seguindo a lógica de Beauvoir que uma viagem seria estar “durante semanas fora do mundo cotidiano” e que assim “todas as amarras com a sociedade” estariam “provisoriamente rompidas” (BEAUVOIR, 2009, p. 601).

Entretanto, seus fantasmas a atrapalharam: o medo e a vergonha. Ainda sobre essa confissão e nessa mesma viagem, onde eles se hospedaram havia uma vizinha que se chamava Eshe. Madame conta que a observou por alguns dias e a forte sensação que teve quando não a viu mais no corredor do lugar e, além disso, narra o momento em que tomou coragem para falar com ela – para a surpresa da própria narradora e do leitor, elas conversaram bastante, sendo algo que Madame não fazia naturalmente. Finalizando essa história, ela afirma que “há coisas que não se escreve” e justifica o porquê de ter voltado para casa e abandonando alguém que seria o amor da sua vida: levou em conta a opinião que os outros teriam quando soubessem de seu *affaire* com uma mulher. Então, ela decide que Eshe não poderia fazer parte de sua vida e retorna a sua antiga rotina. Já em casa, revela que recebia cartas dela no trabalho, contudo, temia que os servidores dos correios não fossem discretos e, por isso, nunca escreveu de volta. Conclui o capítulo dizendo que felizmente está viva, significando que Amos não conseguiu matá-la, o que ele poderia ter feito sem sofrer consequências, sendo esta impunidade uma característica de uma sociedade patriarcal.

Em seguida, é a vez de Amandla, ex-noiva de Dio. Segundo ela, o noivado acabou porque ambos não suportaram quando perceberam a violência que havia nele — o que o fez perceber que em suas veias corria o mesmo sangue de seu pai, que era violento com a mãe. O texto dá a entender que ele a amava muito, mas não sabia amá-la de forma adequada e não violenta, e em certo momento, Dio opta pela separação. Ao se recordar de quando estavam juntos, Amandla aproveita para reclamar da obsessão de Dio e do ódio que ele sente em relação à própria família que, por conseguinte, o levou a decidir que nunca teria filhos para não deixar descendentes. Atualmente, é professora em uma escola que atende crianças carentes de uma comunidade ignorada pelo governo local.

Em uma cabana, ela ensina sobre a cultura e religião regional, o respeito às mulheres, a como sobreviver à escravidão, o que fazer em relação à aridez do solo e como afrontar a expropriação de terras agrícolas. Nesse local, comenta a presença de uma mulher que se

chama Abysinia, uma sacerdotisa que se considera uma concorrente dela, no sentido de tentar impedi-la de ensinar as crenças locais. Sua justificativa contra Amandla é de ela estar cometendo uma injúria ou falta contra O criador da religião cristã. Nessa personagem, a religião é algo importante, pois a aproximou da personagem de Absynia, peça fundamental para que a Ixora seja socorrida com sucesso no final. Isto é, apesar de oprimir a religião defendida pela personagem principal, na noite do tormento em que Ixora é agredida, Absynia vê Amandla carregando sozinha uma mulher inconsciente e decide ajudá-las.

Ao longo de sua narração, ela afirma ter encontrado Dio e sua atual namorada e ainda ter sentido que ele não sabia nada de Ixora. Por outro lado, Amandla nos conta que no seu relacionamento com Dio, desde o primeiro encontro, ele sempre quis saber de tudo sobre ela. Assim, com base na sua percepção de casamento, conclui que eles não são homem e mulher, e sim, marido e esposa, ou seja, é uma relação que vai contra tudo o que ela acredita ser essencial: não existe reciprocidade e muito menos prazer. Dias depois, é a personagem que se torna testemunha da agressão que ocorre durante uma tempestade atípica. Enquanto estava na janela, avistou Dio golpear Ixora até que ela caísse no chão. Mesmo em um momento de desespero, Amandla mantém o bom humor dizendo: “talvez você tenha matado essa mulher e eu perdi tempo procurando botas para não ensopar os pés na água lamacenta” (MIANO, 2016, p. 128)<sup>8</sup> e corre para socorrer esta mulher que está jogada no chão perdendo a consciência. A questão aqui é sobre acreditar na sororidade diferentemente de Madame, — que não acredita em ninguém, apenas em si mesma — Amandla não pensou duas vezes antes de ir salvar Ixora no meio da chuva forte. Além disso, se questiona como Dio se tornou alguém que ela não conhece, talvez por ele ainda estar lutando uma batalha interna contra seu sangue, principalmente a raiva de seu avô ter sido aliado na colonização do país.

Na sequência, é a vez de Ixora, quem compartilha a vida com Dio até o dia da tempestade. Em longos parágrafos sem pontos finais, entramos na mente de uma mulher que possui um fluxo incrível de pensamentos. É professora de línguas e viúva do falecido melhor amigo dele, com quem teve um filho. Dio decidiu criá-lo como se fosse seu, uma vez que Kabral não tinha o sangue da família que ele tanto odeia. Enquanto o marido estava vivo, se sentiu usada por ele, que era um imigrante sem documentos e se beneficiaria após ter um filho com uma nativa do país. Aparentemente, após a morte do único amigo de Dio o sentimento de solidão voltou a segui-lo e ele decide visitar ambos e conhecer Kabral e Ixora, esta o recebe

---

<sup>8</sup>“Tu as peut-être tué cette femme et j’ai perdu du temps à chercher des bottes pour ne pas tremper les pieds dans l’eau boueuse.”

com um chá e decide confiar neste homem seus sentimentos que guardava para si. Dio acaba ouvindo tudo, mesmo não tendo perguntado, e isso acaba por criar um laço de amizade entre os dois e ele volta mais vezes à casa da viúva para levar o filho dela para passear. Depois de um tempo, já estava fazendo atividades com Kabral que seriam consideradas aquelas feitas pela mãe ou pai.

Logo, Ixora decide aceitar se juntar a eles nessas atividades e acaba se divertindo como não o fazia há muito tempo, mostrando seu lado que adora rir e viver. Por esse motivo e por também ver que a) Dio dava amor a Kabral, b) por não querer cuidar sozinha do filho, c) para não ser taxada de “mãe solteira” e d) para cessar seus pensamentos de se achar uma péssima mãe, aceita quando Dio se dispõe a cuidar da criança como se fosse sua. O tempo passa e ficam noivos, os três se mudam para o país natal dele e vão viver na casa de Madame sem avisá-la antecipadamente. No decorrer de sua parte, Ixora conta sobre a ausência de amor próprio e autoconfiança, além de mostrar o sofrimento que guardou para ela mesma durante todo esse tempo de vida. Essa personagem leva a informação ao leitor de que por muitas vezes não falou o que queria dizer, e o deixa se questionando se aquilo foi dito ou não. Ademais, Ixora aprofunda bastante seus sentimentos que foram guardados ao longo de sua jornada da infância até os dias atuais do livro.

Ora, também descobrimos o que a ajudou a sempre seguir em frente: gosta de ler poesias para tentar compreender sua vida. Após a pausa que faz sobre a trama que cerca a história do romance para contar sua vida pessoal, revela que não tira a razão de Madame detestar a ideia do casamento entre ela e seu filho mais velho, apesar de Ixora não acreditar que, como casal, o relacionamento não deu em nada, pois os dois dedicaram tempo para dar certo e, por isso, não mereciam o menosprezo da mãe de Dio. Em uma ocasião, Ixora diz que, apesar de não se arrepender de ter ido viver em outro país, se arrepende por ter acreditado nele e ficado sem amigos nesse novo país.

A tempestade tem início no dia da agressão, quando Ixora havia se apaixonado por uma mulher e decidido que não daria mais para continuar no relacionamento sem amor com Dio. Essa mulher em questão se chama Musasi e seu objetivo ao acabar com o noivado seria, então, para morar junto a ela em uma comunidade de mulheres, o “País Velho”<sup>9</sup>. Nesse dia, eles estavam no carro indo em direção a um jantar importante para os negócios de Dio, contudo, no meio do caminho, ela resolveu finalmente terminar o noivado e justifica sua

---

<sup>9</sup>Vieux Pays.



atitude: “meu espírito não queria a nenhum preço retornar à gaiola” (MIANO, 2016, p. 162)<sup>10</sup>, e ainda diz reconhecer que teve um pouco de culpa, afinal, após falar sobre seus sentimentos, Dio não aceita o término e a joga para fora do carro e bate nela no meio de uma noite de tempestade. Ixora narra que ele a golpeou tão rápido que, não está claro se ela pôde usar sua língua afiada, ou seja, sua única arma contra Dio: a voz capaz de dizer a verdade para ferir seu agressor.

Além disso, percebe-se o tanto que ela quis expressar suas opiniões às pessoas ao seu redor, mas sempre acabou por ficar em silêncio. No entanto, ao final de sua narração, afirma que a única vez que falou em voz alta o que pensava, foi no momento no qual apanhou de Dio e, hipoteticamente, disse tudo o que achava sobre ele. Ainda afirma que, após estar rodeada das mulheres que a socorreram na tempestade, ela gostaria de dizer a Dio que ela encontrou tranquilidade e “sua pessoa”, ou seja, o amor de sua vida. Conclui desejando à Dio que ele conheça esse mesmo sentimento que ela sente com Musasi, e assim, que ele não mate suas futuras namoradas — da mesma forma que ele tentou matá-la.

Por último, Tiki mostra ser uma espécie de narradora-observadora que foca na personagem de Madame e sabe o mesmo tanto que ela. Desta forma, começa seu capítulo em um momento mais tarde da tempestade e pela maneira que foi escrito, percebemos que sua personalidade tende à ironia. É perceptível quando, por exemplo, se refere ao seu irmão: “nós te procuramos Big Bro, você duvida disso” (MIANO, 2016, p. 199)<sup>11</sup>. Outro exemplo é quando, de forma observadora, narra os passos da mãe e de alguns funcionários da casa no dia após a tempestade para seu irmão, com um jeito de quem está prestes a falar coisas consideradas óbvias pelas circunstâncias: “Big Bro, aqui o que você deve imaginar [...]” (MIANO, 2016, p. 203)<sup>12</sup>. Esta personagem narra tudo aquilo que o leitor ficou sem saber durante as narrações anteriores, desde as confissões mais íntimas que sua mãe lhe confiou e informações que descobriu sobre o passado dela.

De início, conta como foi o momento no qual o telefone da mansão em que mora com a mãe tocou e Amandla, a pessoa do outro lado da linha, contou tudo o que se passou durante a tempestade entre Ixora e Dio. Em seu capítulo, o leitor tem a confirmação — no primeiro capítulo do romance, a mãe de Tiki falou rapidamente sobre isto — de que Amos, marido de Madame, não deu nenhuma notícia desde que tinha deixado de morar com elas. Além disso,

---

<sup>10</sup> “[...] mon esprit ne voudrait à aucun prix retourner dans sa cage [...]”

<sup>11</sup> “On te cherche, Big Bro, tu t’en doutes.”

<sup>12</sup> “Big bro, voilà ce qu’il te faut imaginer. [...]”

não diz sobre sua presença nas cenas em que todas as outras personagens estão juntas esperando Ixora acordar, ou como Tiki sabe que Madame vendo Ixora dormindo toda machucada no sofá, viu ela mesma e por conseguinte, não quis levá-la ao hospital, pois levava em conta que lá, eles não iriam acreditar na mentira que ela justificaria como Ixora se machucou. Algo a se notar é o silêncio que Tiki conta ter nesse momento entre elas e o tanto que Madame tinha a dizer, porém, não disse sobre o pretexto de que aquele não era o momento certo.

No decurso deste último capítulo, descobre-se mais sobre a personalidade da irmã mais nova de Dio. Quando fez 18 anos, fez como seu irmão e foi estudar no Norte e voltou apenas anos depois. Porém, ela afirma que após a volta dele, ela começou a se sentir deixada de lado pela mãe, ao mesmo tempo em que diz sentir falta dos velhos tempos e confia ao leitor algumas de suas memórias com Dio durante a infância. Ainda, mostra ao leitor como ela faz de tudo para não se parecer com Madame. É uma mulher que se indigna com a tradição local, na qual o homem pode se vestir como quisesse enquanto há limitações sobre a vestimenta da mulher. Todavia, não está interessada em se rebelar contra os princípios da sociedade, visto que, pessoas que se mostraram contra, foram taxados de doentes mentais. Ademais, aborda sua vida amorosa com uma certa normalidade diferente de sua mãe: prefere fazer amor de maneira não ortodoxa e, logo após mostra possuir personalidade de controladora, o que pode ser ligado ao fato de presenciar cenas de violência contra sua mãe.

Infere-se isso quando revela que a ideia de um homem tocá-la dava sensação de terror e ela opta por estar sempre no controle no momento íntimo. Mostra, mais uma vez, seu tom irônico ao narrar como piada o momento que presenciou uma conversa entre suas tias religiosas que falavam de sexo. E, para causar surpresa durante seu texto, Tiki conta que certa vez, decidiu ir conversar com Camila, sua avó materna, e descobriu que sua mãe sofreu abuso sexual em algum momento de sua vida e pensava que apenas se casando com um príncipe poderia se livrar de tal sofrimento e cicatriz que restaram em si. Assim, encontrou Amos, um nobre e que possuía um nome respeitado, além de aproveitar que tinha bens para que ele aceitasse casar-se com ela.

Para concluir, é afirmado de forma repetitiva sobre a transferência da indignidade ser geração em geração e o “o status social flui nas veias [...]” coisa que “Madame aprendeu cedo” (MIANO, 2016, p. 261)<sup>13</sup>. Isto é, nessa sociedade, casar-se com uma descendente de

---

<sup>13</sup>“Le statut social coule dans les veines [...] Cela, Madame l’apprit très tôt.”

escravo é uma infelicidade para um homem do meio do status social como o de Dio. Ao final do capítulo, fala que mesmo a mãe ter sido capaz de amar uma mulher, isso não permitirá que ela compreenda sua maneira de amar os homens, levando em conta que, diferente dela, Tiki afirma ser dona de si mesma.

## 2. A VOZ COMO RESISTÊNCIA: O QUE FOI OU NÃO FALADO

Em uma entrevista para Wane (2016), Léonora Miano falou que um dos objetivos de *Crepúsculo do Tormento* é mostrar que “as mulheres não são pequenas coisas frágeis”. Seria, então, a visão de mulher pequena e frágil aquela predominante em uma sociedade patriarcal. O patriarcado, sendo a maneira de

“[...] organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade”. Este sentido de patriarcado caracterizado pela supremacia masculina, desvalorização da identidade feminina e atribuição funcional do ser mulher. (SCOTT, 1995 apud NOGUEIRA, 2016, p. 1)

Dessa forma, a autora cria mulheres que possuem fraquezas, mas que se mostram fortes e, a definição de força, no romance, seria a força feminina na forma da voz — do ato de falar. É possível observar essa teoria no capítulo da personagem Ixora, que depois de ser agredida fisicamente por Dio, afirma que a sua única arma seria a sua voz (Ixora usa a expressão “língua afiada”, no sentido de falar coisas para Dio que o machucariam), em contraste com a arma de seu agressor, no caso, a força física. A obra tem uma característica didática: incentivar o leitor a refletir sobre as histórias de quatro mulheres negras e questionar todas as ações que as levaram ao momento do “tormento”; além de mostrar para as mulheres que elas têm voz e devem usá-la.

Em *La poétique du roman*, Vincent Jouve (1997) mostra que a maneira de contar uma história é uma consequência das escolhas que o autor faz, como escolher o tipo de narrador determinará a apresentação da história. Primeiramente, enquanto existem os princípios de autor e leitor — ambos personagens reais, um produz o livro e o outro é o indivíduo que tem o livro em suas mãos —, existem os personagens de ficção: temos, no romance analisado, quatro narradoras: Madame, Amandla, Ixora e Tiki. Estas existem apenas no interior do texto

e contam suas histórias a partir de visões, sentimentos e maneiras pessoais — assim, durante a leitura, é possível atribuir algumas características através do que é dito e pela forma dita. Encontram-se no livro elementos que atiram a atenção no narrador, o uso *doeu* (*je* em francês), e na figura do destinatário, Dio, com o uso do *você* (*tu* em francês), estabelecendo contato direto entre as narradoras e ele, sendo esse o intuito ao se dirigirem a um personagem ausente, porém, elas desejam comunicar a ele o que sentem. No entanto, percebe-se uma ambiguidade no pronome *você*: o próprio leitor pode sentir que é ele com quem a narradora mantém contato e, teria um efeito na leitura em que o leitor se colocar no lugar do personagem Dio.

A obra analisada possui quatro capítulos e propõe a cada capítulo focalizar em uma narrativa de uma personagem diferente. O leitor é conduzido a juntar todas as informações coletadas dessas narrativas e a tirar suas próprias conclusões a partir do que Madame, Amandla, Ixora e Tiki trazem como suas verdades em seus respectivos capítulos. Conseguimos responder a pergunta “quem conta?”, segundo Jouve, fazendo o estudo da voz e respondemos a questão de “quem recebe?” com o estudo da focalização – o ponto de vista que é o responsável por contar a história, com níveis de seleção de informação narrativa. Na obra, a focalização usada é predominante interna: cada narrador é o personagem de seu capítulo, então, possui o mesmo ponto de vista de um personagem e conta ao leitor apenas informações que a personagem sabe, e, conseqüentemente, é importante observar que nenhuma personagem sabe o que o Dio sente.

Contudo, no capítulo de Tiki, ela de vez em quando narra com foco na mãe, por exemplo, desde a saída da personagem de Madame de sua casa até o momento em que ela se reúne com Amandla, Absynia e Ixora, é usado o tipo de focalização externa — a história é contada de maneira que o leitor se sente observando os passos da personagem de Madame como um olho de uma câmera. Porém, interessa saber que Tiki ao ser narradora de Madame, sabe o que se passa na cabeça da personagem – o que contradiz a característica da focalização externa elaborada por Jouve: o teórico diz que o narrador é incapaz de penetrar as consciências.

É possível observar a intenção da autora quando analisamos a obra a partir do modo que estruturou sua narrativa. Antes de tudo, como já foi dito anteriormente, a ordem cronológica em que as personagens narram a história em torno do dia da tempestade é diferente entre elas. Apesar de todas estarem falando de uma agressão que aconteceu antes de

começarem suas narrações, elas iniciam seus capítulos de forma diferente. Com exceção de Madame e Amandla, que começam, respectivamente como estão a prever algo: “Sufoca-se como antes da tempestade. Ela se aproxima [...]” (MIANO, 2016, p. 9)<sup>14</sup> e “A tempestade aproxima-se.” (MIANO, 2016, p. 81)<sup>15</sup>. Já Ixora, começa sua narração com ela deitada no chão no meio da tempestade: “[...] enquanto a tempestade de trovões dispara dardos na minha cara [...]” (MIANO, 2016, p. 135)<sup>16</sup>. E finalmente, Tiki inicia após a tempestade, falando para o irmão que elas estão à procura dele: “A gente te procura, Big Bro, você pode imaginar” (MIANO, 2016, p. 199)<sup>17</sup>. Dessa forma, o leitor sente que está atualizado sobre todos os acontecimentos e informações detalhadas e novas estão sendo repassadas a ele.

Em uma citação, Vincent Jouve (1997) traz a afirmação de Gérard Genette no livro *Nouveau Discours du récit*, que expressa não haver distinção fundamental entre a narrativa de pensamentos e a narrativa de falas, sendo o pensamento uma “fala silenciosa” (*parole silencieuse* em francês), sendo que as técnicas identificadas usadas para transcrever as falas também permitem relatar os pensamentos. Jouve ainda afirma que cada narrador é o responsável por organizar sua narrativa, e no romance podemos ver o modo que as narradoras implicam o leitor em suas respectivas narrativas: usam a subjetividade, expressam como o episódio de agressão na personagem Ixora as fizeram sentir, fazem o uso de julgamento sobre outras pessoas — como já foi dito no capítulo 1, quando Madame mostra seu desprezo por Ixora —, e tudo isso são elementos da maneira que cada uma usa para explicar sua história e seu ponto de vista sobre o “tormento”. Ademais, há julgamentos gerais presentes no romance que vão além da narrativa, como sobre as tradições locais, a história do país e a sociedade que serão abordados no próximo capítulo.

No romance, Miano incentiva o leitor a ler criticamente as histórias contadas pelas mulheres negras presentes no livro, que sofrem diferentes opressões. Apesar de viverem a realidade de opressões distintas, todas elas compartilham os mesmos processos de resistências e anseiam pelo dia que suas humanidades que foram negadas sejam devolvidas a elas. Ao decorrer da história, podemos encontrar elementos que colocam em evidência a importância da luta da mulher negra por espaços, direitos e respeito na sociedade. *Crepúsculo do Tormento* é uma obra que vem a ser a resposta de um questionamento em específico: como é a

---

<sup>14</sup> “On étouffe comme avant l’orage. Il approche [...]”

<sup>15</sup> “On étouffe. L’orage approche.”

<sup>16</sup> “[...] alors que cet orage de dingue m’envoie ses javelots sur le visage [...]”

<sup>17</sup> “On te cherche, Big Bro, tu t’en doutes.”

vida de mulheres negras que vivem em um país que foi colonizado e escravagista? O romance, contando diversas perspectivas de mulheres de gerações diferentes, expõe o impacto que esses dois elementos da história têm em suas vidas. Dessa forma, nota-se a negação de identidades africanas e a inferiorização de mulheres negras e descendentes de escravos. Assim, Miano nos traz a perspectiva dessas mulheres, que são desumanizadas e vistas como um objeto, como afirma Djamila Ribeiro (2019, p. 34-35):

Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos [das mulheres negras], saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que [...] a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina a um papel de submissão que comporta significações hierarquizadas [...].

Sabendo disso, é interessante observar como os colonizadores tratavam os escravos, e de que forma algo que ocorreu há tantos anos continua impactando nas vidas de tantas mulheres atualmente. Ribeiro traz a analogia feita por Grada Kilomba “entre a máscara que as pessoas escravizadas eram obrigadas a usar cobrindo a boca e a afirmação do projeto colonial de impor silêncio” sendo, aqui, o silêncio considerado o mesmo da objetificação, a desumanização, negar que o escravo tenha uma existência para além disso, como um sujeito. “Mas, ainda que sejam caladas e negligenciadas, vozes se insurgem” (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Em *Crepúsculo do Tormento*, a presença de uma “máscara” está clara quando Tiki descobre que sua mãe havia sofrido abuso sexual de um homem branco e não denunciou à polícia. Ao invés disso, escolheu o caminho que todas as mulheres jovens são encorajadas, de uma maneira mais ou menos implícita, quando preferem alcançar a felicidade de modo mais rápido e fácil: esperam o “Homem”, um “príncipe encantado”. Possuem expectativas de adquirir alegria e riqueza a tentar sozinha e ter a incerteza de uma conquista. Além disso, a mulher ainda sustenta esperanças de “[...] ascender, graças a ele, a uma casta superior à sua própria, milagre que o trabalho de uma vida inteira não compensaria” (BEAUVOIR, 2009, p. 202). A personagem de Madame afirma que não se casou com Amos por amor, e sim porque ele seria o que ela estava mais precisando: de um nome com influência social. É intrigante ver que ela, mesmo sendo independente economicamente, não conseguiria transcender sem um homem.

Madame afirma que descobriu o lado violento de Amos após estarem morando juntos por um tempo e ainda que na época em que se casaram, os casais não conviviam muito tempo

para se conhecer profundamente. Apesar disso, segundo ela, o marido não é uma má pessoa, apenas tem crises de raiva. Descobriu que seu príncipe encantado havia se tornado em um homem que a agredia e optou por continuar com ele, pela dificuldade de conseguir o divórcio e o status social. Dessa forma, é intrigante descobrir em sua narração que ela o havia expulsado de casa. Até os dias de hoje, existem muitas mulheres que não conhecem o significado da palavra liberdade e ainda vivem sob o jugo de um homem, na maior parte das vezes violento, como ocorreu com a personagem Madame.

Um homem é capaz de fazer qualquer coisa para estabelecer sua autoridade, até matar. Madame ainda nos revela um episódio de raiva de Amos em que ele chegou a ameaçá-la: “se eu te matar, não me farão nada” (MIANO, 2016, p. 78)<sup>18</sup>. Entretanto, como se observa quando Madame expulsa Amos, nas palavras de Beauvoir, em algum momento a mulher decide resistir e refutar o domínio do esposo e se tornar matrona de sua própria casa, no caso de Madame, “[...] ela pode também ter extraído, em sua condição de dona de casa, uma inclinação para autoridade que a leva a revoltar-se contra o jugo masculino: ei-la disposta a fundar um matriarcado e não a tornar-se objeto erótico e criada” (BEAUVOIR, 2009, p. 440), pois ela dá ênfase ao fato de que seus empregados se dirigem a ela para receberem o salário e fazer o relatório de trabalho.

Mas, para que ela possa (re)conquistar sua liberdade e autonomia, ela o faz com dificuldade, uma vez que o homem possui “um prestígio viril” e “por ser por lei ‘o chefe da família’, o marido detém uma superioridade moral e social” e em grande parte possui “uma superioridade intelectual” (BEAUVOIR, 2009, p. 613). Podemos confirmar isso no seguinte episódio narrado por Madame: “Um dia, eu tive que ameaçar Amos com uma arma que eu havia adquirido” (MIANO, 2016, p. 78)<sup>19</sup>. O leitor é impelido a refletir se, talvez ela não tivesse feito isso, poderia estar morta, ou, fez isso uma vez que as agressões contra ela deveriam ter aumentado, pois, segundo suas palavras, “já não havia mais calma”. O casamento é um assunto pertinente que Simone de Beauvoir expõe em *O Segundo sexo*: os matrimônios em seus dias já não eram mais os mesmos desde as antigas civilizações: “A forma tradicional do casamento vem sofrendo modificações, mas o casamento constitui ainda uma opressão que os dois cônjuges sentem de maneira diferente” (BEAUVOIR, 2009, p.

---

<sup>18</sup> “*Si je te tue, on ne me fera rien.*”

<sup>19</sup> “*Un jour, j’ai dû menacer Amos d’une arme que je m’étais procurée.*”

640). Um exemplo dessa mudança é a introdução do divórcio, que durante o tempo, vai começando a ser aceito e comum na sociedade.

Porém, em *Crepúsculo do Tormento* temos uma partilha de experiência perturbadora do casamento entre Madame e Amos e um noivado entre Ixora e Dio. Focaremos na discussão sobre a união de Madame com Amos, que ocorreu a partir de interesses por parte dela pela influência social dele. Tudo parecia estar indo bem até que se mostram as verdadeiras personalidades, de maneira que “o casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe [...]”. (BEAUVOIR, 2009, p. 616). Apesar disso, segundo Beauvoir, tudo coage as mulheres a quererem fervorosamente agradar aos homens. No caso de Madame, o agrado é para que o marido não se torne violento em uma crise de fúria. Segundo a personagem, sua tática é não se negar ao que ele quer e aceitar as consequências de seus atos. Pode-se inferir que, como diz Beauvoir, mulheres que agem como Madame, encontram-se “em situação de vassalas”, pois “[...] se proíbe a ele toda aventura, se o irrita com sua vigilância, suas cenas, suas exigências, pode indispor-lo contra ela gravemente” (BEAUVOIR, 2009, p. 623).

Dessa forma, Madame se lamenta que seus filhos tenham visto cenas de violências que ela sofreu protagonizadas pelo próprio pai. De acordo com Beauvoir (2009, p. 399), “[...] o encontro com a loucura é desagradável: [...] uma crise de histeria, uma disputa violenta revelam a desordem do mundo adulto e a criança que a testemunha sente-se em perigo [...]” e lamenta por Dio a odiar por não ter se divorciado do pai dele. Em um dos vários episódios de agressões, Madame conta que por volta de 1970, “Amos me jogou para fora do carro. Ele estava ao volante, eu no banco do passageiro, Tiki e você no assento traseiro. Eu tinha desaprovado uma de suas futilidades, um risco no meio do seu cabelo frisado” (MIANO, 2016, p. 26)<sup>20</sup>, e afirma ainda ter se expressado de forma “ligeira” e “cansada” e seguiram para almoçar em um restaurante.

Durante a refeição, Amos se sentiu desconfortável. O meu comentário sobre o seu penteado chulo lhe tirou toda a confiança no seu charme. Seus olhares às senhoras da audiência eram inseguros [...]. Tinha na mira uma mulher em particular [...]. Ela não lhe deu um olhar, olhando para um advogado [...]. Foi minha culpa. Ele não falou dela, ele não é tão rude. Todos nós sabíamos o

---

<sup>20</sup> “Un jour, Amos m'a jetée hors de la voiture. Il était au volant, moi sur le siège du passager, Tiki et toi sur la banquette arrière. J'avais désapprouvé une de ses futilités, une raie au milieu de sa tignasse crépue. [...]”



que provocava nele esta crise de raiva que atingia o seu clímax quando saímos do restaurante. (MIANO, 2016, p. 27)<sup>21</sup>

Voltando para casa, Madame foi jogada para fora, com o carro ainda em movimento, e ela então, atravessou a cidade a pé por horas e quando chegou em casa, seus filhos a viram com metade do corpo esfolado e o vestido rasgado. Ela afirma voltar para sua casa, que lhe pertence, de forma literal — ela repete a seguinte afirmação “minha casa” — fazendo alusão ao que tem mais valor na sociedade capitalista em que vive, que é ter bens materiais e são estes que definem o ser humano. Nesta última frase, a personagem dá indícios de quais foram os motivos de ter pedido para Amos ir embora e não ela ter ido embora, pois a mansão, foi ela quem comprou e conseqüentemente, lhe pertence. Assim, é interessante observar que Madame é quem possui maior quantidade de bens dentro do casamento, e é a matriarca. Se sente feliz assim, apesar de não possuir independência para dizer ou fazer o que quer fora de sua casa, como sua decisão de não seguir em frente com o relacionamento com Eshe. Sabendo disso, é interessante pensar sobre o adultério. No casamento, “[...] ela não tem direito a nenhuma atividade sexual fora do casamento [...], mas o homem, transcendendo-se para o universal como trabalhador e cidadão, pode gozar [...] à margem da vida conjugal prazeres contingentes [...]” (BEAUVOIR, 2009, p. 560).

Observa-se entre as personagens Madame e Ixora que “gravidez e maternidade são vividas de maneira muito diferente, caso se desenvolvam na revolta, resignação, na satisfação, no entusiasmo” (BEAUVOIR, 2009, p. 656), pois “há também muitas mães que se assustam com suas novas responsabilidades” (BEAUVOIR, 2009, p. 676). Entre as duas mulheres, a Madame é a mãe que não mostra nenhum arrependimento em ter gerado seus filhos e o fato de ter dado à luz a aos filhos seria uma realização de sonhos pessoais. Enquanto isso, para Ixora a gravidez foi sinônimo de “tortura”, como ela mesma afirma (MIANO, 2016, p.147). Ela confessa ter tido muitos momentos em que pensou em interromper a gravidez e se questionou se ela é, de verdade, uma boa mãe. Uma pessoa que a incentivou a ter o filho foi seu pai, uma vez que ele sempre repetiu que não se desiste de filhos.

Ainda há uma possível análise de que, segundo Beauvoir (2009, p. 693), “a relação da mãe com os filhos define-se no seio da forma global que é sua vida; depende de suas relações

---

<sup>21</sup> “Pendant tout le repas, Amos s'est senti mal à l'aise. Ma remarque sur sa coiffure de proxénète lui avait ôté toute confiance en son charme. Ses œillades aux dames de l'assistance manquaient d'assurance [...]. Il avait dans le viseur une femme en particulier [...]. Elle ne lui accorda pas un regard, jetant son dévolu sur un avocat [...]. C'était ma faute. Il ne parla pas d'elle, il n'est pas si grossier. Nous savions tous devis ce qui provoquait en lui cette crise de rage qui atteignit son paroxysme lorsque nous quittâmes le restaurant.”

com o marido, com o passado, com suas ocupações e consigo mesma [...]”. A mãe sente plenitude sabendo que o motivo de sua existência está dentro de si, no seu ventre. É como uma forma de transcender, de se justificar “pela passiva fertilidade do corpo”, o que seria uma forma de alienação, estando a personagem Madame enquanto mãe “alienada em seu corpo e em sua dignidade social, a mãe tem a ilusão pacificante de se sentir um ser em *si*, um *valor* completo” (BEAUVOIR, 2009, p. 662-663). Em contraste com a mãe, Tiki se nega a seguir a tradição da sociedade de se casar e ter filhos. Dessa maneira, é passível de se imaginar que a filha não deseja passar por toda a violência que a mãe sofreu e ela testemunhou — da mesma forma que Beauvoir afirma que o passado afeta as decisões que uma jovem tomará no futuro. Pois, o homem, segundo a feminista, descarrega toda a fúria que existe nele em casa, em sua mulher: “acenando para a mulher com autoridade; mima a violência, a força, a intransigência: dá ordens com voz severa, ou grita, bate na mesa” (BEAUVOIR, 2009, p. 616).

O casamento, segundo a tradição local, não permite uma autonomia por parte da mulher, pois isso pode parecer ao homem e a própria sociedade, uma “rebeldia”. Tiki é a personagem mais jovem do romance, e isso se percebe pela sua “[...] busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade” (RIBEIRO, 2018, p. 136). Pode-se ainda ressaltar o debate sobre a ausência de poder de escolha da mulher – sobre o próprio corpo, a carreira e entre outros — ser julgado como uma normalidade, “[...] não respeitar a mulher como ser humano, como alguém que pode estar num lugar de liderança, que tem o direito de ser como quiser sem julgamentos à sua moral ou capacidade” (RIBEIRO, 2018, p. 114). Portanto, Miano teve como intenção mostrar a perspectiva de mulheres, e não de homens, uma vez que o homem poderia tentar convencer o público de que “a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever se fazer agradável ao seu mestre” (WOLLSTONECRAFT, 2016, apud. RIBEIRO, 2018, p. 114).

Portanto, no livro, podemos observar a importância que Miano atribui à voz. Não ignorando a possibilidade de que o livro seria uma forma de diário para essas personagens, que contam suas memórias em torno do dia da tempestade. São retratados diversos tópicos em relação à voz: de alguém que por muitos anos passou por agressões do marido em silêncio, até que usou sua voz, para dizer que “já chega”, assim como Ixora, que ao perceber que o noivado não era mais o que ela desejava, falou para Dio que era hora de terminar. Bem como Amandla usou sua voz para reconfortar Ixora, enquanto estava no chão depois de ter sido

agredida, e se sentia sozinha. E, para concluir, faz o leitor refletir: se todas as conversas que não aconteceram, tivessem se realizado, o sofrimento de todas as personagens teria sido evitado? Não se chega aqui, a uma resposta clara; apenas que teriam, com certeza, acontecido outras coisas.

### **3. ENTRE A HISTÓRIA DO BRASIL E DA ÁFRICA SUBSAARIANA: SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS**

No romance, o avô paterno de Dio foi um aliado dos colonos e combateu o nazismo, e assim, torna-se necessária a abordagem da história do continente africano. Além disso, será aqui comparada a violência que as mulheres sofrem no Brasil e na África Subsaariana, uma vez que é considerada como uma das consequências do colonialismo e escravidão presentes na história de ambas regiões. O debate sobre esse tema, pelas palavras de Ribeiro, é essencial para “[...] entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (2019, p. 31), que nos leva a pensar sobre as mulheres serem o grupo tratado como inferior. Isso pode ser visto ainda sobre a questão de desigualdades que, segundo Ribeiro (2019, p. 31) “[...] desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros”, o que reafirma a teoria de sociedade patriarcal ser o principal causador de violências contra mulheres.

Então, em *Crepúsculo do Tormento* a negação de Dio com sua família se refere ao papel que o avô de Dio teve durante a colonização e o fato de seu pai ser uma pessoa violenta. Esses são motivos que, deduzidos pelas personagens, o levaram a renegar as responsabilidades que tinha como filho primogênito. Além disso, Dio recusa sua “linhagem de sangue” e decide não ter filhos. Não obstante, Madame traz uma visão do pai de Amos, que foi aliado dos colonos no continente, de forma a contrastar a visão negativa que Dio possui do avô. É interessante observar que Madame, mostra ao leitor que Angus foi um homem forte, que lutou com toda sua honra e que seu filho não sabe da verdadeira história. Segundo a personagem, Angus era “um homem que soube acrescentar à nobreza de nascença

os seus méritos pessoais”<sup>22</sup> (MIANO, 2016, p. 30), tendo uma imagem “abominável” e “inatingível”. O motivo de Dio não saber a história real do avô, é porque Madame nunca chegou a ter uma conversa com o filho sobre isso. Sendo Angus o único dos irmãos que não morreu, e usou toda a sua força, derivada das suas frustrações que teve cedo em sua vida, na missão da colonização da África. Porém, isso não impede que Madame critique o percurso que está tomando no país. Voltaremos a falar sobre isso após uma breve contextualização.

Para abordar a colonização na África Subsaariana, será usada a análise econômica do continente africano feita por Dulci e Campos (2009, p. 693) que nos interessa a partir dos períodos após o período mercantilista, nos séculos XVII e XVIII; introdução da África Subsaariana no mercado capitalista (século XIX), na qual é marcado pela fase de escravização de habitantes e o tráfico de escravos, que marcou a incorporação do continente ao sistema. No início do século XIX, o tráfico de escravos vai desaparecendo e entre os séculos XIX e XX, começa a colonização, período em que europeus estavam fixados em locais na costa africana e assim, no século XX, estes partilharam entre seus estados o continente africano. A África era fornecedora de trabalho escravo e se interligava aos continentes da Europa e da América. A partilha teve o objetivo organizar a exploração no continente, “para a produção de itens de exportação – agrícolas e minerais” (DULCI; CAMPOS, 2011 p. 5). Na segunda metade do século XX, inicia-se o processo de descolonização. É importante frisar que “[...] tal como a África, a América do Sul apresenta fortes elementos de unidade, derivados da base cultural de que se originaram suas sociedades coloniais”, sendo um dos elementos que compõem essa base, o catolicismo.

Retornando à opinião de Madame sobre o país, ela diz: “O país é o domínio destes grupos mafiosos disfarçados de organizações diversas das quais importa fazer parte, e que recebem as suas ordens do exterior” e continua a dizer que isso não a surpreende, pois “o país não é realmente produção local”<sup>23</sup> (MIANO, 2016, p. 57). Ainda enfatiza que “não se entra acidentalmente nessas esferas privilegiadas”<sup>24</sup>, paga-se um preço elevado para entrar nessas esferas. Além disso, a religião católica está presente no romance de Miano e podemos observá-la na personagem de Absynia, que representa uma pessoa que tenta impor sua religião a Amandla, adepta de uma religião africana. Ainda em outra personagem, Madame

---

<sup>22</sup> “[...] un homme qui avait su ajouter, à la noblesse de sa naissance, ses mérites personnels.”

<sup>23</sup> “Le pays est le domaine de ces groupes mafieux déguisés en organisations diverses dont il importe de faire partie, et qui reçoivent leurs ordres de l’extérieur. [...] Le pays n’est pas vraiment de fabrication locale...”

<sup>24</sup> “on ne pénètre pas accidentellement dans ces sphères privilégiées.”

sofreu com a influência imposta do catolicismo no continente: é católica, cita Deus, filho da Virgem Maria ao decorrer de seu capítulo. Ademais, seu nome é fruto dessa imposição, não sendo o mesmo que recebeu ao nascer, Makake Mandone, herança da religião ancestral.

A seguir, analisaremos a personagem do segundo capítulo. Amandla se preocupa em ensinar seus alunos a história local, em contraste com a “história única” contada pelos colonizadores que tentam silenciar os grupos dominados. Em seu capítulo, a professora enfatiza a importância de contar às crianças a brutalidade usada pelos colonos nos habitantes e a resistência do povo que não se deixou ser colonizado e escravizado facilmente. Dessa forma, ela expõe que, suas aulas são como a atitude que toma para ajudar a construção de um futuro melhor, o qual será alcançado com a ajuda dessa nova geração que ela ensina. Ainda que esteja exercendo a profissão em uma comunidade esquecida e ignorada pelo Estado, com muita pobreza e sem expectativas de melhores dias, ela não perde a sua esperança. Essa visão de mundo se difere totalmente da personagem de Madame, que, por vezes afirma achar que falta um herói vivo para o país: essa afirmação se dá, pois faz uma crítica às inspirações do povo, que se baseiam em pessoas mortas e que isso não causaria mudanças, sendo necessária uma pessoa viva que possa comandar a transformação da realidade local.

Além do mais, há a questão do racismo dentro do livro. Um racismo baseado no sangue. “A palavra ‘sangue’ que se encontra frequentemente em expressões como ‘filhos do mesmo sangue, puro sangue, sangue mestiço’ orienta por vezes a imaginação infantil; supõe-se que o casamento é acompanhado de alguma transfusão solene” (BEAUVOIR, 2009, p. 398). É pertinente que uma mulher negra repercuta o racismo como faz Madame com Amandla e Ixora. Fica ao leitor a questão: “mas, por que?” e temos que ir ao capítulo de Madame e observar que um valor importante para ela é o nome de família que a pessoa possui: se for de descendentes de escravos, os quais ela afirma que “se deixaram ser escravizados”. Não há nela, entretanto, empatia com essas pessoas que Amandla afirma terem lutado e não se deixaram serem escravizadas tão facilmente. Não obstante, Madame usa a palavra “sem genealogia” para se referir às duas personagens, e afirma que preferia que Dio tivesse ficado com Amandla por ela ter mais educação que Ixora. O desgosto que ela tem em relação a Ixora é tão grande, que ela cita a personagem pelo nome apenas uma vez na página 33, sempre se referindo a ela por “essa mulher” (*cette femme* em francês). Entretanto, isso não significa que ela odeie todas as descendentes de escravos. Ela diz empregar Makalando, sua cozinheira, para mostrar que ela tem uma boa índole e empatia com estas mulheres – nesse

momento, ela também está repetindo a ideia de limitar o papel dessas mulheres como domésticas.

Voltando para o contexto histórico, deve-se reconhecer que a variedade das duas sociedades em foco (Brasil e África Subsaariana) — possuem “diferentes arranjos interétnicos, sociais e institucionais identificáveis nas histórias dos países” (DULCI; CAMPOS, 2011, p. 5). Na mesma página, os autores colocam em questão a similaridade entre a história entre as duas regiões:

A fase pós-mercantilista, no século XIX, é semelhante nos dois casos, mas conduziu a desfechos opostos. Os povos sul-americanos estavam empenhados em consolidar seus estados nacionais, tendo superado o estatuto colonial. Os povos africanos, por sua vez, estavam prestes a ingressar na fase propriamente colonial – como plataformas de exportação para as indústrias dos países centrais [...].

Após, é exposto as divergências: “Esboçadas as trajetórias da América do Sul e da África Negra, observam-se diferenças relevantes nas suas modalidades e tempos de integração ao sistema capitalista global”. (DULCI; CAMPOS, 2011, p. 9)

No Brasil, segundo Ribeiro, o período de escravidão durou 354 anos “e depois, não se criaram mecanismos de inclusão para a população negra, como foram criados para os imigrantes que vieram para cá no processo de industrialização” (2018, p. 64). A partir disso, observa-se que “[...] os direitos negados e a situação de pobreza da maioria da população negra são decorrentes de uma estrutura social herdeira do escravismo” (RIBEIRO, 2018, p. 64). Pode parecer uma evidência cruel, hoje em dia, mas, olhando para a história, percebemos que as mulheres lutaram muito — e continuam a lutar — para que os seus direitos sejam respeitados. Aqui entra o papel do movimento de mulheres negras. Esse movimento é compreendido pela autora Djamila Ribeiro no livro *Lugar de Fala*, em que cita uma pesquisa de Jurema Werneck: “o movimento de mulheres negras é protagonista no combate ao genocídio da população negra e à usurpação da liberdade das mulheres, iniciando a luta sob a forma de denúncia” (2019, p. 41). O movimento feminista às vezes aparenta ser apenas para mulheres brancas, e como disse Ribeiro, é preciso que seja “[...] denunciado a invisibilidade das mulheres negras como sujeito do feminismo” (RIBEIRO, 2018, p. 17-18).

Após termos todas essas informações, partiremos para denunciar o que está acontecendo atualmente no Brasil e na África Subsaariana. De acordo com Castillo (2017, s/p), os dados em relação a violências contra as mulheres a partir de 2017 aumentaram e têm tendência a crescer ainda mais, pois, anteriormente ao ano citado, grande parte das mulheres

não denunciava e se silenciava sobre, principalmente, o assédio sexual. Em sua reportagem, Castillo ainda informa que numa visão global, a África Subsaariana está inserida na lista das regiões “que menos garantem os direitos das mulheres” do planeta. No momento atual, mais de 40 países não possuem leis para punir a violência contra a mulher no âmbito familiar, e muitos desses estão situados na região que está sendo analisada neste trabalho.

Dessa forma, podemos entender o porquê de a personagem de Madame não fazer denúncias contra o marido. Podemos perceber que as mulheres não possuem voz sobre esse tema e que nem todas as mulheres que, assim como Madame, são ameaçadas de morte pelo marido e conseguem escapar desse terrível destino. “O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) calcula que, no mundo todo, 50% das mulheres assassinadas são vítimas dos cônjuges ou de homens da família” (CASTILLO, 2017, s/p). Santos (2019, p. 98) traz o relatório do Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEVUSP, 2018), no qual é mostrado que:

em 2017 em média 12 mulheres foram assassinadas por dia no Brasil, um dado alarmante que representa um aumento de 6,5% dos casos em relação a 2016. Com um total de 4.473 homicídios dolosos, sendo 946 casos de feminicídio, ou seja, uma taxa de 4,3 mortes por 100 mil pessoas do sexo feminino, fazendo o Brasil ocupar o 7º lugar dentre os países mais violentos do mundo, dentre 87 nações, em relatório da organização Mundial de Saúde (OMS).

E os motivos por trás desse número alarmante há “sentimentos de posse, de intolerância, desrespeito, preconceitos, machismo por quem pratica”, que não leva em conta os sentimentos de “medo, dor, angústia, muitas vezes, de silêncio da vítima que sofre a agressão”. E aqui é explícita a evidência das construções históricas e sociais nas quais a sociedade brasileira foi fundada, fazendo a violência contra a mulher ser normalizada.

Ainda é relevante observar que quando Madame expõe que a mulher deve agradar o marido, podemos incluir também todas as vezes que o homem deseja ter relações sexuais e a esposa, mesmo não querendo, faz por ser sua obrigação satisfazer seus prazeres. Assim, podemos incluir que dentro do matrimônio, mulheres são vítimas de estupros. “No mundo todo, ainda há 34 países que não julgam os estupradores se estes forem maridos das vítimas ou se casarem posteriormente com elas”. E especialmente na África Subsaariana “o estupro não é punido se ocorrer dentro do casamento, o que deixa as mulheres desamparadas se o estuprador for o marido”. Contudo, no Brasil, existe uma lei para garantir a segurança da

mulher dentro do matrimônio. Em 2006, foi criada a Lei Maria da Penha, “que trouxe para debate essa questão da violência contra a mulher” (VIANA, 2016, s/p) e configura a violência sexual como “formas de violência doméstica e familiar contra a mulher”.

Não obstante, essas não são as únicas violências contra as mulheres. Há ainda a agressão da mutilação genital. Segundo José (2019, s/p), a ONU estabeleceu o dia 06 de fevereiro como o Dia Mundial contra a mutilação da genital feminina, pedindo tolerância zero a essa agressão contra a mulher. José ainda traz estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que “pelo menos 200 milhões” de mulheres, sendo elas jovens, foram submetidas a operações nos órgãos genitais, em cerca de trinta países, principalmente na área da África Subsaariana. Por ser recorrente na mesma região do romance, esse tipo de violência também está presente. Madame conta que em algumas sociedades de mulheres, aquelas acusadas de bruxarias tiveram seu clitóris amputado; era uma prática usada por agressores, que depois de conflitos, marcavam a vitória no corpo de mulheres e “colhiam” clitóris. Outra personagem que comenta sobre esse tema é Ixora, que enquanto estava deitada no chão, se questionava sobre quem iria socorrê-la e se essa pessoa iria vender suas partes no mercado negro. Ela tem o conhecimento de que o clitóris vale muito dinheiro no país vizinho, e se preocupa ao pensar nas pessoas que poderiam vender seu clitóris por estarem em busca de dinheiro. Ainda, segundo Ixora, existem mulheres que para conseguirem dinheiro, sacrificavam o próprio clitóris, porém, afirma desconhecer o que seria feito dessa parte do corpo feminino.

Além disso, há a história da Vênus negra, retratada em um filme dirigido por Abdellatif Kechiche em 2011. O filme mostra a vida de uma escrava, que era tratada como um animal e seu corpo foi objetificado — crítica que Ixora fez em seu capítulo —, de forma que teve a genitália exposta em um museu por muitos anos. Segundo José (2019, s/p), os motivos por trás dessa prática são diversos:

[...] decorrentes de tradições culturais e superstições populares, referidas indevidamente também a convicções religiosas, ligadas a rituais de iniciação de meninas e adolescentes à vida adulta ou consideradas um requisito essencial para o casamento ou ainda utilizadas como instrumento de controle sexual de mulheres adultas, submetidas a repetidas infibulações, sempre que os maridos saem de casa por algum tempo.

Porém, em *Crepúsculo do Tormento*, não fica claro o porquê dessa atividade. É necessário ressaltar que essa última prática citada não aparece nos índices brasileiros. Entretanto, podemos ligar a violência contra o clitóris à uma teoria de Beauvoir, a qual diz



que a mulher é inferiorizada por não ter a genitália masculina. Sendo essa parte do corpo a simbolização da virilidade do homem, essa e outras violências contra a mulher são, portanto, uma repetição do pensamento patriarcal de sociedades com vestígios do sistema escravagista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho é dar importância do debate sobre como é difícil para mulheres, particularmente as mulheres negras, de viver uma vida saudável — fisicamente e mentalmente — numa sociedade que dá o favoritismo ao homem, menosprezando essas e deixando-as de lado, sofrendo caladas. *Crepúsculo do Tormento* nos traz a visão de quatro mulheres a partir de seus pensamentos, levando à proximidade entre narrador-leitor, este por sua vez é compelido a refletir, formando sua própria opinião sobre os temas abordados. Aqui, falamos sobre os temas de feminismo, violência e histórico. Deste último, busca-se na análise evidenciar a similaridade entre as realidades presentes no livro, na África Subsaariana e no Brasil. Essas duas regiões partilham a experiência de terem sido colonizadas. Ambas formaram a sociedade patriarcal e racista que são até hoje, sendo essencial debater a causa das mulheres negras, que são reduzidas a certos papéis na sociedade, levando a desumanização e objetificação de seus corpos (RIBEIRO, 2018, p. 143). Esse debate é influenciado pelas vivências e testemunhos das quatro personagens do, e propõe ao leitor uma leitura crítica de todas as opressões e violências que essas personagens, de formas distintas, sofrem. Todas elas, sofrem diferentes violências de forma silenciosa, pois não possuem voz para dizer não ou para denunciar ao Estado — uma vez que nada irá ocorrer aos homens, que possuem grande influência social e política nessas sociedades.

Na África Subsaariana, temos dados de vários tipos de violações contra a mulher, sendo considerada diversas vezes a área que menos assegura às mulheres o respeito aos seus direitos e ao seu corpo. Do outro lado, temos o Brasil, que possui elevados índices de agressões contra a mulher e feminicídios, casos em que mulheres morrem devido às agressões de homens da família ou de seus próprios maridos. A questão em torno da mulher negra nos leva a pensar sobre a importância do movimento feminista nos dias de hoje. Com o intuito de evidenciar a necessidade de mulheres ocuparem mais espaços, saírem dessa limitação doméstica e renunciar a sua humanidade, seus direitos. Segundo Kane, o feminismo tenta

evidenciar “que as mulheres lutaram muito – e continuam a lutar – para que os seus direitos mais fundamentais sejam respeitados: o direito ao voto, o direito ao aborto, o direito de se agrupar em associações e, mais recentemente, o direito a... autonomia” (2018, p. 13)<sup>25</sup>.

Léonora Miano propõe, da maneira em que estruturou a narrativa do texto, que o mundo das mulheres negras situadas em uma sociedade que não assegura os direitos às mulheres, seja visto pela própria perspectiva delas. É uma forma de ir contra o discurso dominante na sociedade e mostrar o outro lado da moeda. É afirmar que a mulher não é frágil e, que esse determinismo biológico de dizer isso apenas por causa da mulher não ter uma genitália como a do homem, que é o símbolo da virilidade. A mulher possui uma força diferente da força física deste: a voz. O poder de falar o que sente, em contraste com o silenciamento no qual é imposto a mulher. Apesar das personagens permanecerem apenas pensando coisas que poderiam e gostariam de ter dito, o momento da agressão choca todas elas e muda completamente suas vidas.

Madame percebe que criou um homem que se tornou igual ao pai que ele odiava. Amandla mostra a esperança e o que faz para mudar a realidade do país; salva a mulher que estava noiva do homem que ela ama. Ixora expõe que a sua língua afiada foi seu único método de revidar o golpe que recebeu de Dio — mesmo que nenhuma outra personagem possa confirmar que ela realmente conseguiu falar em voz alta para ele tudo o que estava em seu pensamento. Tiki mostra a sua lucidez ao dizer que se indigna com a organização social desde que começou a perceber as tradições da sua sociedade; a tradição de tratar de forma desigual o homem e a mulher e a tradição que impele a mulher a se casar e ter filhos para ter valor socialmente.

Essas mulheres que possuem relações diferentes com o mesmo homem vão falar de tudo o que se passa em suas mentes e fazem de seus capítulos, monólogos. O leitor toma para si os discursos das personagens que falam *você*, lendo tudo aquilo que se destina a Dio, que fugiu após agredir a Ixora. “O leitor entra no destino destas quatro mulheres africanas, nos seus desejos mais secretos, nos seus desejos de ser amadas e de amar” (MANOU, 2017 s/p)<sup>26</sup>. Ele entra nesse “círculo muito feminino e muito sombrio com estas tradições de outra

---

<sup>25</sup> “Cela peut sembler d’une cruelle évidence aujourd’hui, mais en fouillant l’histoire, l’on se rend compte que les femmes se sont beaucoup battues - et continuent de se battre - pour que leurs droits les plus fondamentaux soient respectés : le droit de vote, le droit à l’avortement, le droit de se regrouper en associations et plus récemment, le droit à... la conduite.”

<sup>26</sup> “Le lecteur entre dans le destin de ces quatre femmes africaines, dans leurs désirs les plus secrets, leurs envies d’être aimées et d’aimer.”

era, estas confissões e estes segredos...” (MANOU, 2017, s/p)<sup>27</sup>. Miano, assim como este trabalho, deseja dar visibilidade a essas mulheres e que o leitor, a partir disso, se questione sobre os temas abordados e leve para sua vida as indignações com as histórias contadas no romance e tente fazer mais pelas mulheres, principalmente as mulheres negras ao seu redor.

## **BIBLIOGRAFIA**

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 2.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo 2016.

DULCI, Otavio Soares; CAMPOS, Taiane Las Casas. *América do Sul e África Subsaariana: Trajetórias e desafios do desenvolvimento*. 35º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2011.

JOUVE, Vincent. *La poétique du roman*. Collection Campus. Éditeur SEDES, 1997.

MIANO, Léonora. *Crépuscule du Tourment: I. Melancholy*. Paris: Éditions Grasset, 2016.

KANE, Ndèye Fatou. *Vous avez dit féministe ?*: Suivi de (In)certitudes. Nouvelle. Dakar: L’Harmattan-Sénégal, 2018.

RAIMOND, Michel. *Le Roman* (Collection Cursus). Éditeur Armand Colin, 1997.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala* (Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen Livros, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro ?*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

## **SITOGRAFIA**

CASTILLO, Elisa. *A violência contra as mulheres no mundo em quatro mapas*. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Kn1bYn>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <https://bit.ly/37gvjyv>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

DANS LA BULLE DE MANOU. *Crépuscule du Tourment / Léonora Miano*. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2CiGPeB>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

---

<sup>27</sup> “un cercle très féminin et très sombre avec ces traditions d’un autre âge, ces confessions et ces secrets...”

DICIONÁRIO REVERSO. Disponível em: <https://bit.ly/2ptkdFc>. Acesso em: 19 de nov. 2019.

JOSÉ, Silvonei. *Os direitos das mulheres esquecidas*. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2KjK35S>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

NOGUEIRA, Renzo. *A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero*. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/33LGtZV>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

N'GOULAKIA, Léon-Paul. *Afrique subharienne : une identité plurielle, un destin commun*. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2O199bY>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

PALLAS EDITORA. *Léonora Miano*. Disponível em: <https://bit.ly/36wWFQG>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

SANTOS, R. et al. *Violência contra a Mulher à Partir das Teorias de Gênero*. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NBmyG1>. Acesso em: 29 de out. 2019.

VIANA, Rannyela. *Estupro Marital frente aos deveres conjugais*. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2QjVzSk>. Acesso em: 14 de nov. 2019.

WANE, Fatimata. *Léonora Miano: “Les femmes ne sont pas de petites choses fragiles”*. Disponível em: <https://bit.ly/2PJtW4U>. Acesso em: 26 de jun. 2019.

ADOROCINEMA. *Vênus Negra*. Disponível em: <https://bit.ly/350T37U>. Acesso em: 12 de nov. 2019.

## **OUTRAS OBRAS DE LÉONORA MIANO**

*L'intérieur de la nuit*. Romance, Plon, 2005 e Pocket, 2006.

*Contours du jour qui vient*. Romance, Plon, 2006, Pocket, 2007 e Pocket Jeunesse, 2008.

*Afropean soul et autres nouvelles*. Flammarion (collection Etonnants Classiques), 2008.

*Tel des astres éteints*. Romance, Plon, 2008 e Pocket, 2009.

*Soulfood équatoriale*. Novelas, Nil (collection Exquis d'écrivains), 2009.

*Les aubes écarlates*. Romance, Plon, 2009 e Pocket, 2010.

*Ces âmes chagrines*. Romance, Plon, 2011.

*Blues pour Elise*. Romance, Plon, 2010 e Pocket, 2012.

*Écrits pour la parole.* Teatro, L'Arche Éditeur, 2012.

*Habiter la frontière.* Conferências, L'Arche Éditeur, 2012.

*La saison de l'ombre.* Romance, Grasset, 2013.

*Red in blue trilogie:* Inclut Révélation; Sacrifices; Tombeau. Teatro, L'Arche Éditeur, 2015.

*L'impératif transgressif:* communications, réflexions. 2016.

*Crépuscule du tourment 2: Héritage.* Éditions Grasset, 2017.